

OS ESCRITORES E A CIDADE: REPRESENTAÇÕES DE IDENTIDADE CULTURAL NA CAPITAL DO BRASIL

The writers and the city: representations of the cultural identity in the capital of Brazil

Los escritores y la ciudad: representaciones de identidad cultural en la capital de Brasil

Liziane Guazina

Doutora em Comunicação, professora da
Faculdade de Comunicação da Universidade
de Brasília – UnB.

E-mail: Liziane.g@uol.com.br

Resumo

A construção das identidades culturais na contemporaneidade é um processo dinâmico, contraditório e fragmentado, como apontou Hall (2006). Neste artigo, mostramos como esse processo se realiza em Brasília, a partir do mapeamento das representações identitárias sobre a cidade expressas, em entrevistas, por seis escritores que publicaram em 2010, ano do cinquentenário da capital. Ao final, discutimos as principais características de Brasília para estes autores.

Palavras-chave: Representações; identidade cultural; escritores; Brasília; lusofonia.

Abstract

The building of cultural identities in contemporaneity is a dynamic, contradictory and fragmented process, as points out Hall (2006). In this paper, we will show how this process happens in Brasília, from the mapping of identity representations of the city expressed, in interviews, by six writers whose works were published in 2010, year of the fiftieth anniversary of the capital. In the end, we discuss the main characteristics of Brasília according to these authors.

Key words: Representations; Cultural identity; Writers; Brasília; Lusophony.

Resumen

La construcción de las identidades culturales en el contemporáneo es un proceso dinámico, contradictorio y fragmentado, como afirmó Hall (2006). En este artículo, mostramos cómo este proceso se realiza en Brasília, a partir del mapeamiento de las representaciones identitárias sobre la ciudad expresadas en entrevistas, por seis escritores que publicaran en el año de 2010, cinquentenário de la capital. Al final, discutimos las principales características de Brasília para estos autores.

Palabras-clave: Representación; Identidad cultural; Escritores; Brasília; Lusofonia.

1. Introdução

A construção das identidades culturais na contemporaneidade é um processo dinâmico, contraditório e fragmentado, como apontou Hall (2006). Neste artigo, discutiremos, de maneira exploratória, os primeiros resultados de pesquisa sobre as principais representações sobre Brasília, a capital brasileira, expressas pelos escritores-moradores da cidade que publicaram em livros e blogs de literatura durante o ano de 2010, quando se celebrou os 50 anos de construção da cidade.

Nosso objetivo principal foi mapear as representações sobre Brasília que emergem dos discursos destes escritores (coletados a partir de entrevistas individuais realizadas durante o ano de 2012). Como objetivos secundários, buscamos identificar quem é o brasiliense do ponto de vista destes autores, em comparação com as representações dominantes do que é ser brasileiro. Para fins deste artigo, vamos nos ater à análise das entrevistas.

Os estudos acadêmicos que tem por finalidade a compreensão da construção de identidade relacionada aos habitantes da Capital Federal brasileira têm apontado para a diversidade de culturas e expressões regionais que se agrupam e reagrupam no contexto da cidade, reconfigurando-se em uma diversidade de elementos característicos de quem vive em Brasília: a relação com a arquitetura, a predominância de um modo de vida relacionado com os Poderes Públicos, a vivência de espaços segregados de trabalho e moradia, e até mesmo a caracterização de um falar ainda não reconhecido pelos demais brasileiros como típico da cidade (LUIZ, 2007; PAVIANI, 2010; TEIXEIRA, 2011).

A origem planejada da cidade impactou não somente a vida dos que projetaram e construíram a capital nos primeiros anos. Mais de meio século depois, o traçado original do chamado Plano Piloto, em formato de avião (com as asas Sul e Norte delimitando os bairros do mesmo nome) ainda marca fortemente as interações sociais dos habitantes de Brasília. Como afirma Canclini (2008), as cidades não existem só como ocupação de um território, construção de edifícios e de interações materiais entre seus habitantes. O sentido (e o sem sentido) do urbano se forma quando o imaginamos em livros, revistas, cinema e também pelas informações que nos oferecem os jornais, rádio, televisão e

internet (p. 15). São as “cartografias mentais e emocionais” que nos orientam pelas cidades, tanto quanto os mapas, o GPS ou as dicas de vizinhos e conhecidos (idem).

Portanto, entendemos que é no contexto das cidades, onde predominantemente a literatura brasileira contemporânea se realiza, que a prática cultural de articulação e representação de identidades deve ser investigada, levando-se em consideração os espaços públicos e privados de movimentação e circulação de ideias. Se compreendermos a literatura também como prática social e os escritores como co-construtores de memória coletiva, a cidade se torna um locus de construção de identidades de sujeitos e lugares (CANDAU, 2011)¹.

Exatamente a relação entre cultura, literatura e constituição de identidades que se estabelece a partir das representações produzidas por um grupo social determinado - constituído pelos escritores que vivem e trabalham na cidade - é o foco de nosso trabalho. Sob este ponto de vista, estudar o movimento de construção e reconstrução de identidades significa investigar como se configuram as representações do que constitui uma cidade (ou em como definimos as cidades) nos discursos produzidos por quem vive no ambiente urbano e como estes discursos são diariamente articulados em todas as formas de produção cultural.

Neste aspecto, escritores e jornalistas ocupam posição privilegiada de narradores e articuladores de representações, pois exatamente este trabalho constitui-se o cerne de seus ofícios. Ao atuarem, consolidam representações e a memória dos sujeitos/lugares, uma vez que a própria memória é a identidade em ação (CANDAU, 2011).

2. Notas teórico-metodológicas

Do ponto de vista teórico, os conceitos mais relevantes para nossa pesquisa são os de cultura, identidade e representação (WILLIAMS, 1969; 2007; HALL, 1997A; 2006; SILVA, HALL & WOODWARD, 2000; HALL & SOVIK, 2009; PESAVENTO, 2008). Lembramos,

¹Certeau (2003) mostra como relatos e narrativas atravessam e organizam os lugares, modificando os espaços. Aquilo que é vivido no cotidiano altera a própria cidade. Obviamente, a amostra de escritores estudada aqui constitui um pequeno recorte do universo possível a ser analisado levando-se em conta a produção espalhada pelo Distrito Federal nos anos recentes. Há inúmeros grupos/coletivos dedicados, sobretudo, a poesia.

especialmente, que o conceito de cultura implica em um sistema simbólico no qual estamos todos inseridos. Está no centro de nossas vidas, dos grupos sociais e é uma das condições constitutivas de toda e qualquer prática social (HALL, 1997a in GUAZINA, 2011).

Neste trabalho, entendemos cultura como o sistema simbólico no qual os seres humanos estão inseridos; quer dizer, o contexto vivido, onde os valores, ideias, tradições, hábitos, e também regras e outros mecanismos de manutenção deste próprio sistema são compartilhados (HALL, 1997a; GEERTZ, 2008 in GUAZINA, 2011). No processo dinâmico das disputas simbólicas de pertencimento e não pertencimento que se estabelece dentro da cultura, cada expressão artístico-cultural serve como catalisador dos valores, ideias, representações de diferentes grupos.

Acreditamos, como propõe Hall (2006), que é possível mapear as representações dominantes constituintes do processo de construção das identidades e, assim, identificar os vínculos e pertencimentos característicos de grupos sociais. Ainda que haja multiplicidade e pluralidade de representações, é possível estabelecer conexões entre elas dentro de um contexto cultural.

Para tanto, compreendemos o conceito de representação a partir do entendimento de Hall (2001), quando afirma que “uma parte essencial do processo pelo qual o significado é produzido e trocado entre os membros de uma cultura. Isso envolve o uso de linguagens, signos e imagens que representam coisas” (HALL, 2001:15 apud GUAZINA, 2012).

Por outro lado, é importante registrar que a perspectiva trabalhada por Hall (SOVIK in HALL e SOVIK, 2009) implica em entender que as tensões atravessam a identidade. Isto significa que a identidade é um lugar que se assume e depende necessariamente de um contexto. Melhor dizendo, as identidades são situações em que é necessário negociar os sentidos para se compreender as relações entre sujeitos em espaços determinados (p. 20). Também é importante lembrar que identidades são relacionais e as diferenças/semelhanças são definidas por marcações simbólicas relativas a outras identidades (WOODWARD, 2000). Neste caso, as representações de identidades relacionadas à Brasília não podem ser entendidas completamente se não

levarmos em conta o lugar da cidade na história do Brasil e no imaginário brasileiro (isto é, às discussões sobre quais elementos configuram a identidade brasileira e suas raízes portuguesas, africanas e dos povos originários)².

Tendo como pano de fundo os conceitos de cultura, identidade e representação, acima mencionados, vamos desenvolver nossa análise a partir entrevistas com os escritores que vivem e escrevem sobre a cidade. Do ponto de vista metodológico, o conceito mais relevante para a pesquisa é o de representação, compreendido aqui especificamente como a produção do significado nas nossas mentes através da linguagem (HALL, 1997b). As características presentes tanto nos textos literários quanto nos discursos dos escritores constituem os possíveis fragmentos de identidades culturais ou o próprio “ser brasileiro”.

Neste artigo, vamos explorar as entrevistas realizadas com seis escritores de obras literárias (prosa e poesia) publicadas em livros (e blogs) durante o ano de 2010: André Giusti, Fernanda Barreto, João Almino, José Rezende Jr., Nicolas Behr e Pedro Biondi³. Antes das entrevistas, mapeamos a produção destes escritores a partir de diferentes textos (romance, conto, crônica, poesia, narrativas livres) que faziam referência à cidade em seu conteúdo (desde a citação da cidade como personagem ou ambiente das histórias ou indicação de lugares, rotinas e modo de vida característico da cidade). O objetivo das entrevistas foi compreender como estes autores representam a cidade do ponto de vista de sua vivência e discurso pessoal. As entrevistas foram realizadas de forma presencial e individual (com André Giusti, José Rezende Jr., Nicolas Behr e Pedro Biondi) ou por meio online (com Fernanda Barreto e João Almino) ao longo do ano de 2012.

3. Os escritores

Os autores exercem várias atividades além do ofício de escritor, independente de idade, formação escolar ou origem social. À exceção de João Almino (diplomata) e

²Não é nossa intenção aqui discutir sobre cultura brasileira e identidade nacional, visto que são, historicamente, grandes temas de debate intelectual no país, com bibliografia vasta em diferentes campos do conhecimento. Para tanto, vale conferir: Ortiz (2006), Oliven (2002), Matta (1979, 1984, 1988), Fiorin (2009), Debrun (1990), entre outros.

³Esta autora também publicou contos e crônicas em 2010, porém, os textos não foram analisados nesta pesquisa.

Nicolas Behr (dono de um viveiro de plantas), os demais escritores atuam também como jornalistas e costumam publicar (ou já publicaram) nos veículos jornalísticos locais ou em publicações de literatura da cidade. Nenhum dos autores nasceu em Brasília e nem todos ainda moram na cidade. Todos foram ou são migrantes de outros estados que vieram trabalhar na capital.

Almino e Behr formam a dupla de escritores mais conhecida entre o público leitor. Com um histórico de publicações consistente e boa repercussão entre os críticos literários, os dois autores conquistaram o reconhecimento do público atento a lançamentos literários. José Rezende Júnior ganhou prêmios importantes de literatura brasileira, como o Jabuti, e André Giusti tem garantido a publicação de seus contos em editora de porte nacional. Pedro Biondi e Fernanda Barreto constituem o grupo mais jovem e publicam basicamente em blogs.

De acordo com Barroso (2008), os escritores que vivem e produzem em Brasília podem ser classificados em três grupos: 1) os que representam a cidade a partir de uma percepção positiva do pioneirismo de sua arquitetura; 2) os que se sentem desiludidos em relação à capital (e enfatizam os aspectos negativos da vivência urbana) e 3) os que se dedicam a transcrever o cotidiano e enfatizam o contraste entre Brasília e pobreza das cidades satélites.

Paniago (2012) aponta que a vocação administrativa e oficial da capital influenciou, inclusive, os escritores da cidade. São inúmeras as formas de associação, tais como academias de letras e sindicatos, sem que a produção literária local tenha se destacado em nível nacional. Por outro lado, o ambiente literário brasiliense ainda carece de incentivo: a relação dos escritores com o público local é incipiente, à exceção de Nicolas Behr, reconhecido popularmente como o “poeta da cidade”.

Além disso, vários escritores que vivem em Brasília evitam a temática local em sua produção. O temor pela localização da capital em seus escritos decorrem, principalmente, do papel dominante que São Paulo e Rio de Janeiro ainda desempenham em termos de produção e circulação cultural. Um romance com temática ou ambientação diferente tem menos chance de ser reconhecido nacionalmente. Neste aspecto, apesar de ser a capital federal, Brasília ainda está na periferia da produção literária brasileira.

No caso da poesia, a cidade constitui-se um desafio aceito por muitos autores, notadamente Behr, que tentam subverter a ordem, a organização e o planejamento urbano padrão por meio de palavras e representações provocativas. Furiati (2010) mostra como a poesia de Behr, por exemplo, dialoga criticamente com a cidade, desnuda a “frieza” do traçado original, desconstrói o mito de criação por meio de ironia e humor, e recupera a vivência tipicamente brasileira dos moradores, sem espaço para lirismos ou representações românticas.

4. A cidade

Construída em 1960 no coração do Brasil, Brasília tem sido vista pelos brasileiros, em geral, como uma cidade diferente das outras: uma capital político-administrativa planejada por arquitetos e considerada pela UNESCO (United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization) como Patrimônio da Humanidade.

Por outro lado, a cidade ainda permanece relativamente desconhecida no exterior, a despeito da liderança emergente do Brasil no cenário internacional. Quando se fala em cidade brasileira, grande parte dos estrangeiros menciona as metrópoles mais conhecidas como Rio de Janeiro ou São Paulo ou faz referência a cidades do litoral nordestino, com suas imagens turísticas padronizadas de praias, mulheres e coqueiros.

Estas cidades fazem parte da história do Brasil desde o período de colonização portuguesa e carregam em suas representações aquilo que se costuma relacionar à nação e/ou à cultura brasileira: a ideia de mistura (inclusive, subsumindo as condições de desigualdade ou exclusão presentes). Seja a mistura de origens étnicas, seja mistura entre as ideias de novo (país jovem) e velho (tradição européia), entre popular (carnaval, samba) e elite (ou civilizatório, representado pela industrialização das cidades e ascensão das classes médias), entre riqueza e pobreza (FIORIN, 2009).

Historicamente, a fundação de Brasília representou a possibilidade de incentivar o desenvolvimento do interior do Brasil. Ainda que a capital tenha sido construída somente nos anos 60 do século passado, a necessidade de integração territorial e de ocupação geográfica do país já se fazia

presente nas preocupações dos governantes, pelo menos, desde o século XVIII (CARPINTERO, 2011).

O autor (2011) explica como era estrategicamente importante para o império português a ocupação de território considerado “vazio” de gente e rico em recursos naturais do interior brasileiro, uma vez que a costa marítima e as cidades ligadas por caminhos fluviais na Amazônia (como Manaus e Belém do Pará) foram mais facilmente exploradas em virtude da navegação.

No entanto, como ainda destaca o autor (*idem*), a exploração do chamado “sertão” brasileiro viria a se tornar prioridade com o rompimento com Portugal e a posterior proclamação da República, no século XIX. O novo governo republicano constituiu a chamada Missão Cruls, que sob a liderança do Dr. Cruls, diretor do Observatório Nacional, tinha por objetivo oficial, em 1892, demarcar a área da futura capital (CARPINTERO, 2011).

Nos anos 1950, em outro contexto político, o então presidente da República Juscelino Kubistchek liderou a retomada para o interior ao propor a transferência de capital federal do Rio de Janeiro para Brasília. Ele próprio vinha do estado de Minas Gerais, com imenso território cravado no interior e sem saída direta para o litoral. Para a mudança, investiu não somente seu capital político e elevados recursos financeiros do país, mas resgatou um dos elementos narrativos mais importantes do mito de origem de Brasília, o sonho de Dom Bosco, padre católico, que nos idos de 1883, na Itália, teria sonhado com uma grande “civilização” que iria surgir nos paralelos 15 e 20 (KUBISTCHEK, 1975)⁴. Neste contexto histórico, a transferência de capital federal do Rio de Janeiro para Brasília representou também a ideia de mistura entre o Brasil “atrasado” do interior”, vinculado às tradições, e o Brasil “desenvolvido” do litoral. A mudança indicava uma garantia de posse e acesso às riquezas naturais nacionais. Além disso, constituía-se como o início de um “novo” e “moderno” Brasil, conforme definido pelo então presidente Kubistchek.

Uma das principais características da cidade é seu traçado em forma de avião e o planejamento amplo de suas avenidas que privilegiam a circulação de carros em detrimento de

pedestres nas vias públicas⁵. O projeto urbanístico original, criado pelo arquiteto Lúcio Costa (identificado como Plano Piloto), foi inspirado em princípios racionalistas, funcionais e universais da Carta de Atenas de 1933 e no pensamento arquitetônico de Le Corbusier nos anos 1960, muito diferente da arquitetura de influência portuguesa no Brasil. Definida, muitas vezes, como “futurista” e “modernista”, a capital foi planejada a partir de quatro “chaves do urbanismo” proposto pela Carta de Atenas: habitar, trabalhar, recrear-se, circular (BICA, 2010).

Exatamente esta setorização das atividades dos moradores (que impacta diretamente na circulação das pessoas) é uma das características mais mencionadas pelos brasileiros como aquilo que torna a capital diferente das outras cidades (neste caso, geralmente identificadas por espaços urbanos múltiplos e misturados). Como mostram Carpintero (2010), Pessoa (2013) e outros autores, a concepção inicial da cidade privilegiou a definição antecipada de cada espaço, numa tentativa de organização dos modos de relacionamento e vivência urbana em evidente contraste com a experiência da maioria das cidades brasileiras, erguida sob a influência da arquitetura luso-brasileira.

A opção pela setorização, diferente das demais cidades brasileiras, está presente em inúmeras representações sobre a cidade no imaginário popular dos brasileiros. Teixeira (2011) aponta algumas das representações mais mencionadas no senso comum e na mídia: “Brasília não tem gente”; “Em Brasília somos meio estrangeiros em nossa própria terra”; “Brasília é uma cidade que não aceita quem não tem automóvel”; Brasília não tem calçadas, nem bares”; “Brasília é uma ilha da fantasia”; O povo de Brasília é frio e seco com estranhos”, Brasília é a terra da corrupção onde vivem os políticos corruptos”; etc.

Ao longo dos 50 anos da capital, escritores e intelectuais brasileiros e estrangeiros tentaram definir o “enigma” da identidade brasiliense. Em contraposição à mistura, à confusão e ao barulho característicos das grandes cidades brasileiras (e de outras cidades do Distrito Federal), Brasília já foi chamada de “maquete branca, imóvel”, “cidade sem povo”, terra de “solidões e mágoas”, “monótona”, lugar onde “se evita que as pessoas se encontrem”, representante

⁵Carpintero (1998) aponta que os carros foram os principais elementos de organização da cidade.

de um “modernismo de cima para baixo”, “representante de uma ideologia comunista stalinista⁶ (PANIAGO, 2012).

Entre narrativas ufanistas, do então presidente Kubitschek, promessas modernistas utópicas dos arquitetos e a experiência vivida dos primeiros moradores, a cidade cresceu e passou a abrigar mais do que estereótipos em suas representações. Mas como os escritores estudados se relacionam com a cidade?

5. Os escritores e a cidade (ou considerações provisórias)

A relação entre os escritores e a cidade é complexa e fragmentada, marcada pelo estranhamento do momento da chegada na cidade. A maioria dos autores mora (ou morou) em Brasília e explora pouco as demais cidades ao redor. À exceção de Nicolas Behr e Fernanda Barreto, que costumam participar de saraus literários e grupos de poesia em diversas regiões do Distrito Federal, os outros limitam sua circulação à capital.

Esta vivência predominantemente circunscrita à Brasília pode ser encontrada nos textos e nas entrevistas. Para estes autores, a cidade é representada, em primeiro lugar, por meio da descrição ou menção ao cotidiano comum dos habitantes: a vida nas quadras, nos prédios, a relação entre vizinhos, as relações amorosas. Neste caso, a capital serve como ambiente ou pano de fundo singular da experiência de vida íntima dos moradores. O miniconto “Os amantes do Eixo Rodoviário”, de José Rezende Júnior ilustra:

“O homem atravessou as seis pistas do Eixão, correndo em ziguezague no meio do trânsito enfurecido, mas a mulher empacou, paralisada pelo medo. A separação dura cinco dias: ele do lado de cá, ela do lado de lá, e os automóveis voando-zunindo entre um e outro. E se ninguém avisou que existe passagem subterrânea para pedestre nem foi por maldade: é que dá gosto de ver aqueles dois, ela desenhando corações no ar, ele mandando carta em aviõezinhos de papel. Acho que nunca se amaram tanto” (in GIUSTI, BARRETO, REZENDE, BEHR & BIONDI, 2010, p. 55).

Relacionado ao cotidiano, os escritores delineiam sua

⁶Declaração de Marshall Berman referindo-se a Oscar Niemeyer (in PANIAGO, 2012).

própria experiência de vida na cidade, constituindo o que chamamos de “a minha Brasília”. Esta cidade, diferente das representações do senso comum, é construída nos textos a partir de referências afetivas e lúdicas a lugares (bares, quadras, parques, beira do Lago Paranoá, setores, etc). Em entrevista, André Giusti, por exemplo, menciona uma das quadras mais arborizadas, a 405 Norte, como característica da “sua” cidade.

Os mapas mentais expressos pelos autores representam uma cidade diferente do traçado original. A setorização ganha contornos mais humanos, servindo como pano de fundo para histórias de amor, sexo, frustração ou solidão. Os setores são ironizados, ridicularizados, transformados pelo olhar amoroso e irônico de cada autor, como mostra Pedro Biondi (2010, p. 115) no texto “Se é o caso setorizar...”, onde propõe títulos inusitados para espaços da cidade, tais como “Setor de Boatos confirmados”, “Setor Central das Solidões”, “Setor de Cuecas de Superman”, “Setor de Patinhos de Borracha”, entre outros.

A própria relação entre escritor e cidade se torna alvo da produção literária, como afirma Fernanda Barreto em entrevista, ao falar de sua literatura como resultado da paixão por Brasília:

“A paixão não é só amor, tem o “ódio”, a raiva dessa coisa árida, para que tanto asfalto ou para que esse céu azul todo dia? Não tem esse negócio de “Pô, não dá para ficar nublado, não?”. Porque tem uns dias em que tu está para dentro, e essa coisa da amplidão de alguma maneira ela te evoca, há uma expansão, uma extroversão que as vezes tu não está a fim, então dá para ficar de mal com a cidade, também. Eu acho que é natural da relação com a cidade”.

O poeta Nicolas Behr também discute esta relação a partir da tensão entre estranhamento e adaptação:

“o estranhamento é menor do que quando eu cheguei, obviamente, já estou muito adaptado. A minha relação com Brasília está muito domesticada, sabe? Apesar de que eu tenho os meus conflitos, ainda, acho que Brasília é um modelo a ser melhorado, mas eu estou muito em paz com a cidade, vivo a cidade, participo da cidade, sou parte da cidade. Mas o que eu

acho que o que eu queria no início eu consegui, que é dialogar com a cidade, me entendesse com a cidade, que a cidade me entendesse, que eu sobrevivesse e gostasse daqui”.

A mistura, uma das características mais presentes da identidade brasileira, passa a ser também representação da cidade, uma vez que se o traçado é padronizado, as origens, interesses e experiências de vida dos moradores são diversas e conflitantes. Fernanda Barreto ilustra esta representação em sua entrevista:

“É inesgotável a quantidade de cantinhos que a cidade tem pra... (andar de bicicleta) e isso falando assim, da arquitetura, e do cerrado, da natureza. Mas também, outra coisa que é fantástica na cidade, é essa mistura de gente, né, de tudo quanto é canto do Brasil e do mundo. Ao mesmo tempo em que ela é uma cidade muito cosmopolita, ela é uma cidade muito provinciana. Porque todo mundo se conhece”.

Interessante notar que duas outras características que apareceram nos textos dos escritores também aparecem na fala: a que se refere à memória dos pioneiros na construção da capital e que posiciona Brasília no contexto geográfico do Planalto Central. Neste caso, os autores procuram mostrar que a capital não é uma cidade isolada ou completamente diferente na experiência de ser brasileiro do centro do país. Ao contrário, faz parte da história regional que se desenrolava no “Cerrado” antes de sua construção. É o caso de João Almino no romance “Cidade Livre”, que conta a história da capital a partir da retrospectiva de um ex-morador do Núcleo Bandeirante que cresceu junto com a cidade. Diz ele, em entrevista:

“Sempre me interessou mais o lado mítico e simbólico da cidade e a possibilidade de trazer para Brasília não apenas os vários brasis, mas também de alguma forma o mundo contemporâneo”.

No entanto, há diferenças de abordagem sobre a cidade entre Nicolas Behr e André Giusti e os demais autores. Em ambos, a crítica aos aspectos político-administrativos aparecem com mais força. Behr, por exemplo, criou uma Brasília imaginária chamada “Braxília”, a sua “cidade dos sonhos”, diferente da real. Em entrevista, o poeta diz que “no

imaginário brasileiro, Brasília é uma cidade de funcionários públicos corruptos, a maioria é parasita e não trabalham. Alguns realmente são, mas não é maioria. Então, isso é uma coisa que a gente quer quebrar um pouco”.

A subversão às narrativas mitológicas e/ou ufanistas também se faz presente nos textos e atinge os principais construtores da cidade. José Rezende Jr., por exemplo, “anunciou” a morte de Oscar Niemeyer anos antes do fato, aludindo a um “afogamento” no Lago Paranoá no miniconto “No dia em que Oscar Niemeyer morreu afogado no lago Paranoá” (in GIUSTI et al., 2010, p. 154).

Importante destacar também que as representações relativas a uma cidade “silenciosa”, “artificial” “ou “fria”, presente em autores do passado, não são caracterizadas como identitárias pelos escritores analisados. Já a solidão é associada ainda à cidade e permanece como um elemento identitário em muitos textos.

A desigualdade social e a segregação entre espaços destinados a ricos e pobres também aparece como característica, o que aproxima Brasília das demais cidades brasileiras. Neste caso, não é sua singularidade que a identifica, mas o fato de compartilhar dos mesmos problemas sociais brasileiros. André Giusti explora o distanciamento entre classes sociais no conto “Uma história de Brasília” (2010), sobre o amor entre uma garota rica e um “peão”, nos arredores da cidade.

É interessante notar que as representações relacionadas ao “futuro”, à modernização do Brasil ou à “utopia” de uma cidade planejada aparecem no trabalho destes autores de maneira crítica e irônica. Neste caso, o futuro parece ter incorporado Brasília e a cidade é mais uma grande metrópole cheia de contradições em um país diversificado e em desenvolvimento. Behr, por exemplo, escreve: “anunciaram a utopia/mas foi Brasília que apareceu” (in GIUSTI et al., 2010, p. 12).

No jogo de constituição das representações culturais identitárias singulares e, ao mesmo tempo, comuns sobre a cidade, nada mais exato do que as palavras de João Almino, em entrevista: “Há duas razões principais para situar minhas histórias em Brasília: por ser uma cidade igual às outras e por ser uma cidade como nenhuma outra”.

Viver sob a marca das contradições identitárias parece ser a principal característica cultural da cidade para estes

autores. Mas, ao contrário dos escritores do passado, que mais enfatizavam as diferenças em relação ao restante do Brasil, o fio condutor é de aproximar as semelhanças, sem perder sua singularidade. Como celebrou Behr, ao resgatar a origem portuguesa que marca as cidades brasileiras da invisibilidade na experiência urbana de Brasília: “Na praça dos três poderes/existe um buraco, pequeno e raso/formado pela falta de uma pedra/dessas portuguesas, brancas/de

Referências Bibliográficas

- BARROSO, E. (2008). Brasília: as controvérsias da utopia modernista na cidade das palavras. Tese de doutorado. Universidade de Brasília.
- BORTONI-RICARDO, S. M.; VELLASCO, A.M. M. S. e FREITAS, V. A. de L. (org.). (2010). O falar candango: análise sociolinguística dos processos de difusão e focalização dialetais. Brasília: Editora UnB.
- CANCLINI, N. G. (2008). Imaginários culturais da cidade: conhecimento/espetáculo/desconhecimento. In COELHO, T. (2008) A cultura pela cidade. São Paulo: Iluminuras, p. 15-31.
- CANDAU, J. (2011) Memória e identidade. São Paulo: Contexto.
- CARPINTERO, A. C. (2010). Brasília, patrimônio de quem? In FERNANDES, E. & ALFONSÍN, B.; (coord.). (2010). Revisitando o instituto do tombamento, Belo Horizonte: Editora Fórum. pp. 341.
- CARVALHO, B. A. de. (2010). Brasília literária: de quem para quem – Proposta de um cânone para os autores brasilienses tendo em vista a recepção. Universidade de Brasília.
- CERTEAU, M. (2003). A invenção do cotidiano (1. Artes de Fazer). Petrópolis: Vozes.
- DEBRUN, M. (1990). A identidade nacional brasileira. Revista Estudos Avançados. Vol.4, No.8, São Paulo Jan./Apr.. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141990000100004>
- FURIATI, G. M. (2010). Brasília na poesia de Nicolas Behr: idealização, utopia e crítica. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- GIUSTI, A., BARRETO, F., REZENDE Jr., J., GUAZINA, L. BEHR, N. & BIONDI, P. (2010).

Cinquenta anos em seis: Brasília, prosa e poesia. Edição dos autores.

- GUAZINA, L. (2011). Jornalismo em busca da credibilidade: A cobertura adversária do Jornal Nacional no Escândalo do Mensalão. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília.
- HALL, S. (1997a). A centralidade da cultura: notas sobre revoluções do nosso tempo. Educação e Realidade, Porto Alegre, n. 22 (2), pp. 15-45.
- HALL, S. (1997b). “The work of representation”. In: HALL, Stuart (org.) Representation. Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University.
- HALL, Stuart. (2006). A identidade cultural na pós-modernidade. II. ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- HALL, Stuart; SOVIK, L. (2009). Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- HOLSTON, J. (2010). A cidade modernista: uma crítica de Brasília e sua utopia. São Paulo: Companhia das Letras.
- KUBITSCHKE, J. (1975). Por que construí Brasília. Rio de Janeiro: Edições Bloch.
- MATTA, R. da. (1988). A casa e a rua. Rio de Janeiro: Rocco.
- MATTA, R da. (1984). O que faz o Brasil, Brasil. Rio de Janeiro: Rocco.
- MATTA, R. da. (1979). Carnavais, malandros e heróis. Rio de Janeiro. Zahar.
- NUNES, B.F. (2004). BRASÍLIA: A Fantasia Corporificada. Brasília, Paralelo 15.
- ORTIZ, R. Mundialização: saberes e crenças. São Paulo, Editora Brasiliense, 2006.
- OLIVEN, R. G. (2002). Cultura Brasileira e Identidade Nacional (O eterno retorno). In: MICELL, S. (Org.). O que ler na Ciência Social brasileira. São Paulo, ANPOCS, Sumaré; Brasília, CAPES.
- PANIAGO, P. (2012). No compasso das letras. Brasília, Instituto Terceiro Setor.
- PAVIANI, A. (Org.). Brasília 50 anos: da capital a metrópole. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 490 p.

PESAVENTO, S. (2008). História & história cultural. 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica.

PESSOA, M. (2013). Representação e identidade cultural brasiliense na marca BSB Memo. Monografia, Universidade de Brasília.

SILVA, T. T. (Org.), HALL, S. & WOODWARD, K. (2000). Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes.

TEIXEIRA, J. G. Brasília 50 anos: arte e cultura. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2011.

WILLIAMS, R. (1969). Cultura e sociedade: 1780-1950. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

WILLIAMS, R. (2007). Palavras-chave. São Paulo: Boitempo Editorial.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, T. T., (Org.), HALL, S. & WOODWARD, K. (2000). Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes.

Outras publicações da autora:

GUAZINA, L. (2013). Jornalismo que tem lado: o caso dos blogueiros brasileiros progressistas. Brazilian Journalism Research (Online), v. 9, p. 68-87. Disponível em: <http://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/545>

GUAZINA, L., LACERDA, L. N. (2013). La Comunicación Interna en la Comunicación Pública brasileña: relato de un mapeo exploratorio en el Gobierno Federal. Revista Dixit, v. 19, p. 16-25.

GUAZINA, L.; Belisário, K. (2012). Repensando o planejamento em tempos de globalização e transformações sociais. Esferas - Revista Interprogramas de Pós-Graduação em Comunicação do Centro Oeste, v. 1, p. 129. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/viewFile/3135/>

MARTINELLI, F. ; GUAZINA, L. (2012). Catwalk eletrônico: enquadramentos da moda no GNT Fashion. Animus. Santa Maria. (Online), v. 11, p. 106-130. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/animus/article/view/6893>

MOTTA, L. G.; GUAZINA, L. (2010). O conflito como categoria estruturante da narrativa política: o caso do Jornal Nacional. Brazilian Journalism Research (Online), v. 6, p. 132-149. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/12226>